

FABULAE IN CERTAMINE: AS ACADEMIAS E OS LUGARES DA FÁBULA MITOLÓGICA

Leonardo ZUCCARO*

- **RESUMO:** As fábulas mitológicas (cujo grande modelo vem a ser a *Fábula de Polifemo y Galatea* de Luis de Góngora) foram onipresentes na vida literária espanhola sobretudo durante o século XVII; inclusive, foram tema das grandes polêmicas geradas naquele período. Já as produzidas em Portugal foram, ao longo dos séculos, relegadas a uma posição inferior em relação às espanholas, principalmente devido ao desconhecimento de poemas desse gênero por parte da historiografia literária. Tal escamoteação se dá pelos escassos exemplares impressos, a maioria deles presentes somente nos volumes da antologia chamada *Fênix Renascida*, de impressão setecentista. Nosso artigo propõe trazer à luz, mediante indícios textuais e bibliográficos, uma farta produção de fábulas mitológicas em certames poéticos propostos em academias portuguesas, sobretudo durante a segunda metade do século XVII, evidenciando, assim, o local e a circunstância compositivas de poemas desse gênero.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Fábulas mitológicas. Academias portuguesas. Poesia seiscentista. Livros manuscritos. Índices de oralidade.

Introdução

No oitavo tomo de seu *Ensaio Biographico-Critico sobre os Melhores Poetas Portuguezes*, José Maria da Costa e Silva (1788-1854), ao fazer a recensão de uma décima da poeta seiscentista Violante do Céu em que louva supostas fábulas de Jorge da Câmara (1619-1649), declara o seguinte:

Non pude, apezar de bastantes indagações, conhecer o que eram esta Fabulas de Jorge da Camara. Seria alguma Collecção de Fabulas como as de Lafontaine? Seria algum Poema tecido de historias fabulosas como as Metamorphoses d'Ovidio? Alguns contos em versos, ou legendas nacionais?

(Costa e Silva, 1854, p. 80).

* Bolsista CAPES. Doutorando em Literatura Portuguesa – Universidade de São Paulo (USP) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV) – Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa (PPG-LP). leonardo.zuccaro@usp.br

É muito provável, contudo, que tais fábulas de Jorge da Câmara correspondam, de fato, às traduções que fez das *Metamorfoses* de Ovídio, já que Diogo Barbosa Machado, na sua *Bibliotheca Lusitana*, lhe atribui uma obra chamada *Fábulas de Ovídio* no elenco de tradutores do latim para o português (*Bibl. Lus.*, IV)¹.

Ocorre que, ao expressar o vocábulo “fábula”, o que se espera imediatamente é que se trate do gênero de narração breve cujo modelo mais imitado está no conjunto que foi atribuído a um suposto escravo frígio de nome Esopo, mas praticado também por outros autores, sobretudo sob o Império Romano, como Fedro (século I) e Aviano (século I), em latim, e Bábrio (século II), em grego. Célebre também é a apropriação desta fábula antiga feita por La Fontaine, na França do século XVII, referenciado por José Maria da Costa e Silva, ou ainda por Tomás de Iriarte e Félix Maria Samaniego, espanhóis do século XVIII; podemos mencionar também Monteiro Lobato, no século XX. Tais textos, como se sabe, versificados ou não, são narrativas curtas, cujas personagens quase sempre são animais dotados de ação humana, sempre trazendo ao fim uma moral ou, mais apropriadamente, uma afabulação (do latim, *affabulatio*; em grego, *paránesis*, isto é, “endereçoamento” ou “conselho”).

Estabelecido em língua portuguesa o nome “Fábulas” para designar a obra atribuída a Esopo, em grego tais textos aparecem sob o nome de *Mûthoi* (Μῦθοι), isto é, mitos. Em português a obra se chama de tal forma pois a tradição latina sempre se referiu a *mûthos*, independente da aceção, como *fabula*. Por causa disso, são chamados de “fábulas” aqueles poemas produzidos entre os séculos XVI e XVIII na Europa, mas especialmente na Espanha, cujo modelo máximo talvez nunca tenha deixado de ser a *Fábula de Polifemo y Galatea* de D. Luis de Góngora, e nos quais os poetas narram e reconstroem, cada um à sua maneira, episódios míticos da tradição greco-latina, sobretudo aqueles presentes nas *Metamorfoses* de Ovídio. Hoje, tais poemas são chamados de “fábulas mitológicas” ou, a fim de se evitar, talvez, uma confusão entre essas e as esópicas (ou “fábulas morais”), estudiosos dos últimos 30 anos (na maior parte deles, espanhóis) têm se lhes referido pelo nome *epilio*².

Sobre a sorte de fábulas mitológicas produzidas em castelhano há uma extensa bibliografia; já no que diz respeito àquelas em português, quase nada. Diante dessa última informação, nossa pesquisa de doutoramento, ainda *in fieri*, busca descortinar os poemas pertencentes a tal gênero que foram produzidos em Portugal, principalmente aqueles compostos por todo o século XVII e nas primeiras décadas do século XVIII, além de reavaliar questões que no âmbito acadêmico espanhol já são entendidas como pacificadas. Para tal, foi-nos necessário empreender uma

¹ *Bibl. Lus.* = MACHADO (1759).

² Alguns desses estudiosos são Vicente Cristóbal, Jesús Ponce Cárdenas, Mercedes Blanco, Sofie Kluge, Belén Huete e Rafael Bonillo Cerezco.

pesquisa de natureza arquivística, já que a produção de fábulas mitológicas lusitanas era mormente considerada inexistente, havendo somente as “manifestações” que foram impressas nos quatro primeiros volumes do cinco que encerram o florilégio conhecido pelo título de *Fênix Renascida*, no início do século XVIII. Consequentemente à investigação em instituições bibliotecárias e arquivísticas empreendida em Portugal, procuramos observar também os espaços de composição e *performance* das fábulas mitológicas ao menos em Portugal. O que exporemos a seguir é apenas uma das características observadas diante de tal investigação.

As academias

Um dos espaços sociais da poesia ibérica seiscentista e setecentista dava-se nas agremiações acadêmicas. Consequentemente, pode-se dizer o mesmo da fábula mitológica, ao menos em Portugal³ e em seus territórios ultramarinos; foi-o já desde o século XVII, mas para o que nos interessa, devemos considerar ao menos até a primeira metade do século XVIII⁴. Há indícios textuais de que nas academias lusitanas os seus membros compunham fábulas mitológicas entre outros gêneros e subgêneros poéticos e métrico-estróficos tradicionalmente vinculados ao lírico. Das principais agremiações lusitanas do século XVII que poderíamos citar⁵, a Academia dos Singulares de Lisboa é aquela cujas tertúlias mais produziram fábulas em verso, ou ao menos é aquela que mais as atestou em documentos. Vítor Aguiar e Silva já o identificara (1971, p. 459), embora não tenha se debruçado especificamente sobre a questão, não sendo sua preocupação no momento. Diferentemente das outras academias seiscentistas portuguesas, como as eborenses (Academia dos Ambientes e a Academia Sertória) e a dos Generosos, as conferências da Academia dos Singulares de Lisboa tiveram suas atas impressas⁶ em duas partes, a primeira

³ Nas academias hispânicas, por outro lado, as fábulas mitológicas não são tão presentes. José María de Cossío (1952, pp. 754-762) dedica um subcapítulo a essa questão, mesmo que desinteressadamente (“claro que estos entretenimientos no alcanzan nivel poético, ni aun retórico, suficiente para demorarnos en su consideración y estudio”), obrigado pela natureza completa de seu trabalho (“pero no puedo excluirles de mi análisis so pena de dejar manca e incompleta la exposición que he pretendido de este género de fábulas mitológicas” (id., pp. 754-755).

⁴ É certo que as academias continuam existindo até hoje, embora com funções, objetivos, procedimentos e estatutos muito diversos daquelas das quais aqui nos acercamos. Frances Yates (1983) propôs-se a fazer um panorama das academias, tomando como origem aquelas italianas, até chegar nas modernas academias oitocentistas.

⁵ Para uma relação das academias portuguesas do século XVII, cf. PALMA-FERREIRA (1982); MATIAS (1988).

⁶ Das atividades da Academia dos Generosos, só há um impresso, chamado *Terpsichore Musa Academica: Na aula dos Generosos de Lisboa*, publicado em 1666. As transcrições das atas da Academia dos Generosos encontram-se, por outro lado, em livros manuscritos; desses, sobrou-nos somente a obra de título atribuído [*Actividade da Academia dos Generosos*], em dois tomos (BNP

em 1665 pela oficina de Henrique Valente de Oliveira, e a segunda em 1668 por Antônio Craesbeeck de Melo, ambas em Lisboa; décadas mais tarde, cada uma mereceu uma reimpressão, em 1692 e em 1698, respectivamente.

O primeiro indício de que as fábulas mitológicas presentes no tomo segundo da *Academia dos Singulares de Lisboa* foram compostas em circunstâncias acadêmicas está justamente na disposição editorial. Isto é, são poemas que foram editados e impressos entre certames e discursos acadêmicos, com a data da ocasião e a indicação do presidente propositor. Igualmente há casos em que as indicações se encontram em didascálias, mormente em textos que circularam autonomizados das atas acadêmicas, como no romance de Tomás Pinto Brandão “Ao despenho de Faetonte”, cuja didascália informa “Foy assumpto Academico”, poema compilado e impresso em *Pinto renascido* em meio a outros poemas acadêmicos (Brandão, 1732, p. 406).

Mas as indicações didascálicas ocorrem sobretudo em poemas copiados em livros manuscritos⁷. Um primeiro caso que podemos expor está em um conjunto de papéis escritos por diversas mãos, cosidos em um só volume, cujo título, que aparece em sua folha de rosto, é “Rimas Sonoras”. Encontra-se no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT msliv 804)⁸. O critério ligante parece ter sido o de reunir poemas compostos para ocasiões acadêmicas. Entre tais folhas, encontramos três poemas em sequência, não paginados, e inscritos pela mesma mão. São eles a *Fábula da Morte de Cupido*, a *Fábula de Niobe*, e a *Fábula de Baco*, todos sem indicação de autoria. O primeiro deles, a *Fábula da morte de Cupido*, é apresentado por uma didascália que preenche o espaço entre o seu título e a rubrica genérica (“Silva”) e que informa “Assumpto que mandou hua Dama / à Academia”; não indica, portanto, de qual academia se trata. Mesmo que na folha de rosto do volume intitulado *Rimas sonoras* conste uma informação concernente à academia de Francisco Xavier de Meneses, não há como afirmar se este poema fora composto no mesmo contexto, já que foi costurado ao volume posteriormente. Dos outros dois poemas, a *Fábula de Niobe* e a

A.T./L. 306//1 e BNP A.T./L. 306//2). Já sobre as academias eborenses, cuja atividade letrada era diversa das academias lusitanas da segunda metade do século XVII, cf. PIRES (2018). No século XVIII, há as conferências da Academia dos Anônimos, que foram reunidas e impressas em 1718 sob o título de *Progressos Acadêmicos dos Anônimos*.

⁷ O mesmo ocorre em manuscritos que circularam pela Espanha, como em um cancionero de obras atribuídas a Jerónimo Pérez de la Morena (BNE 3901 [BNE = *Biblioteca Nacional de España*]); como já identificara Cossío (1951, p. 756), o romance sobre a fábula de Orfeu e Eurídice (ff. 294v-295v) é encabeçado pela seguinte didascália: “Asumpto de la Academia / Pondere el mal gusto de Orfeo / en sacar a su Esposa del Infierno”. Ou ainda em um poema de José de Trejo, copiado como (BNE 4111, p. 243): “Juicio Burlesco de Paris / desde las Bodas de Peleo y Thetis. donde tubo su origⁿ / De D. Joseph Trejo Varona / Asumpto de la Academia”; há a mesma informação em uma outra cópia (BNE 3916, f. 209v): “Juizio de Paris, desde las Bodas de Peleo / y Thetis donde tuuo su origen: es assumpto / de Academia: D. Joseph Trexo”.

⁸ ANTT msliv = Arquivo Nacional – Torre do Tombo, fundo: Manuscritos da Livraria.

Fábula de Baco, as didascálias também não são elucidativas. Na primeira, a didascália, que está localizada marginalmente à direita, indica somente “Academia / Anonima”; não há como saber se se trata da Academia dos Anônimos ou, literalmente, de uma academia anônima. Na segunda, à margem esquerda, consta “Academia / de Bellem / estando na / Pena”, que desconhecemos. Apesar de ter havido academias fingidas nos séculos XVII e XVIII, como a Academia dos Rústicos e a Academia Gramatical (cf. MATIAS, 1988, pp. 507-510), ou ainda pelas academias dos Solevantes e dos Fleumáticos (PALMA-FERREIRA, 1982, pp. 113-114), elas são “muito difíceis de distinguir das autênticas” (MATIAS, p. 507). Logo, não se exclui a possibilidade de ter existido uma Academia de Belém, eventualmente transferida para a Pena, somente por não ser atestada documentalmente. E mesmo que não tivesse existido, se as academias fingidas eram ridicularizações da atividade acadêmica, de acordo com Vonk Matias (id., p. 510), todos os três poemas encontrados no ANTT msliv 804 já seriam indícios de que as fábulas mitológicas tinham seu espaço em certames acadêmicos.

No caso dos poemas produzidos pelos membros da Academia dos Singulares de Lisboa, e que estão disponíveis no formato impresso, não consta em nenhum título o termo “Fábula de”, ao contrário do que ocorre com os três poemas manuscritos expostos acima. É difícil, portanto, fazer um rápido escrutínio das fábulas mitológicas dos Acadêmicos Singulares. Ali, as rubricas que encabeçam as composições indicam somente o gênero métrico-estrófico e o poeta que as compôs⁹. Os poemas que podem ser considerados como fábulas mitológicas, destacados de outras composições de assunto fabular, encontram-se no tomo segundo, impresso em 1668¹⁰. Isto porque ali estão transcritas as conferências em que foram propostos os seguintes assuntos: o “roubo de Elena”, na academia presidida por João da Costa Cáceres, no dia 2 de novembro de 1664 (*ASL* II, pp. 40-67)¹¹; “Píramo e Tisbe”, assunto proposto por João da Silva Pereira, presidente da academia no dia 9 de novembro de 1664 (id., pp. 68-90); a fábula de “Atalanta”, proposta pelo presidente da academia no dia 30 de novembro de 1665, Luís de Miranda Henriques (pp. 178-204); e “Leandro e Hero”, na academia presidida por Antônio Lopes Cabral, em 21 de dezembro de 1664 (pp. 244-262).

Logo após a oração de João da Costa Cáceres, então presidente do terceiro concurso, ocorrido em 2 de novembro de 1664, e na sequência de dois poemas a ele dirigidos, um soneto de Pedro Duarte Ferrão e uma décima de Antônio Lopes

⁹ Há outros casos, sobretudo manuscritos, em que é indicado inclusive o assunto, ora expressamente, ora sob a forma “ao mesmo assumpto”, como nas atas da Academia Brasileira dos Esquecidos (cf. Castello, 1969; 1971).

¹⁰ Vítor Aguiar e Silva (1971, p. 459, n. 134) não as evidencia nem as nomeia, mas expõe-lhes somente os quatro assuntos, e destacou as composições de Antônio Serrão de Castro.

¹¹ *ASL* II = *ACADEMIA DOS SINGULARES DE LISBOA* (1668).

Cabral, na página 49 encontramos indicada a proposição do certame: “foi assumpto desta Academia o robo de Elena”. O assunto fabular (pode-se dizer homérico, mas acessível em todos os tratados mitológicos e mitográficos disponíveis a qualquer letrado na época, além de ser tão ovidiano quanto a fábula de Fílis e Demofonte, ambas contempladas nas *Heroides*) enseja aos acadêmicos a produção de diversas composições, tanto em castelhano como em português, de variados gêneros métrico-estróficos e de elocução (sérios e jocosos). São todos eles: um soneto de Pedro de Vallejo, um de Pedro Duarte Ferrão e um de Antônio Marques, todos em castelhano (*ASL* II, pp. 49-50); um soneto em português de André Nunes da Silva (id., p. 50); outros três em castelhano, de João Aires de Morais, Francisco Lopes Sueiro e Manuel Carvalho (id., pp. 49[51]-52)¹²; uma silva em português de Antônio Lopes Cabral (id., pp. 52-56); uma outra silva, também em português, de Sebastião da Fonseca e Paiva (id., pp. 57-62); uma glosa em português por Antônio Serrão de Castro (id., p. 62); quatro romances, todos em castelhano, de Luís Bulhão, Bartolomeu de Faria, Antônio Marques e Pedro de Vallejo (id., pp. 63-67); e, encerrando o concurso terceiro e, conseqüentemente, o certame, um romance em português de Antônio Serrão de Castro (id., p. 67).

Dos poemas indicados, somente as duas silvas, a de Antônio Lopes Cabral e a de Sebastião da Fonseca e Paiva, mais o romance em castelhano de Pedro de Vallejo são fábulas mitológicas, ao menos de acordo com o nosso entendimento. A partir do assunto de Píramo e Tisbe, há a silva de Sebastião da Fonseca e Paiva (*ASL* II, pp. 76-85) e o romance de Antônio Serrão de Castro (id., pp. 88-90), ambos em português; da fábula de Atalanta, encontram-se a silva em português de Antônio Lopes Cabral (id., pp. 193-197), as redondilhas castelhanas de Pedro de Vallejo (id., pp. 198-200), e um romance de Antônio de Serrão de Castro (id., 202-204); e, por fim, o assunto de Hero e Leandro produziram as fábulas mitológicas de Sebastião da Fonseca e Paiva, uma silva em português (id., pp. 256-206), e de Antônio Serrão de Castro, mais uma vez um romance (id., 261-262).

O caso da *Fábula de Atalanta e Hipômenes*

Entre o elenco de poemas da Academia dos Singulares de Lisboa, observamos uma prevalência das silvas. São três de Sebastião da Fonseca e Paiva (“Vá de silva senhores” sobre o rapto de Helena, “O contrato das silvas” sobre Píramo e Tisbe, e “Ei-lo vai a surdir, Deus vá comigo” sobre Hero e Leandro), e duas de Antônio Lopes Cabral (“Oh tu que levantado” sobre o rapto de Helena, e “Radiante planeta, que apressado” sobre a fábula de Atalanta e Hipômenes). Entre todos os gêneros métrico-estróficos praticados nos concursos acadêmicos, a preferência da silva em

¹² Há um erro de paginação no exemplar do qual dispomos (BNP RES. 2187 P.), pois onde deveria constar “51” está indicado “49”.

certames acadêmicos, que competia com romances, sonetos, epigramas latinos e glosas, poderia ser explicada pela compleição bruta de sua versificação, notada sobretudo na ausência de esquemas consonantais, rendendo maior velocidade no ato da composição. É o que dá a entender o verbete que Rafael Bluteau escreve no *Vocabulario Portuguez e Latino*: “Parece, que se pode appropriar neste lugar esta palavra, pois della usa Quintiliano, para significar hũa Prosa, ou Poesia, feyta de repente”. Mas há de se atentar ao fato de que a aparente improvisação dessas composições é dissimulada, pois os membros das academias tinham à disposição alguns dias para escreverem seus poemas antes de serem lidos. Belchior Pontes relata como se organizavam os certames da Academia dos Generosos (PONTES, 1953, p. 60): “As composições entregam-se quatro dias antes da celebração do certame, a D. Antônio Álvares, que não deve aceitar nenhuma depois da data estabelecida”. Na Academia dos Singulares, em uma silva, Simão Cardoso Pereira verseja (*ASL I*, p. 109)¹³: “Peguemos no assumpto, / E vamos pouco a pouco, / Que tres dias me fez o assumpto louco”; revelando, assim, o tempo que dedicou à silva.

Outra silva, a *Fábula de Atalanta, e Hipômenes*, testemunhada em três manuscritos sem atribuição de autoria (BPE Maniz. 395, BNP 3253 e BNP 10894)¹⁴, também carrega indícios de que tenha sido composta para um concurso acadêmico. Diferentemente dos três poemas presentes no ANTT msliv 804, isto é, as *Fábula da morte de Cupido*, *Fábula de Niobe* e *Fábula de Baco*, em nenhuma das três cópias da *Fábula de Atalanta* em questão traz a informação explícita de uma academia, mesmo que anônima, como ocorre na *Fábula da morte de Cupido* ou na *Fábula de Niobe*.

Duas cópias desse poema (BPE Maniz. 395 e BNP 10894) já haviam sido tratadas por Vítor Aguiar e Silva *Maneirismo e Barroco na Poesia Lírica Portuguesa*, indicando, prudentemente, que a composição era anônima (SILVA, 1971, pp. 459-461). No códice da Manizola, o poema é dedicado a D. Fadrique (ou Fradique) de Meneses, o qual Aguiar e Silva identifica ser D. Fradique da Câmara e Toledo (id. p. 459, n. 133). Seu *incipit* é “Nam ha palavras com ã justifique” (BPE Maniz. 395, f. 4), ou “Naõ ha palavras comã. justifique (BNP 10894)”. Uma vez conjugadas essas informações, observe-se o que Barbosa Machado indica na entrada de Manuel de Sousa da Silva, que provavelmente escapou a Aguiar e Silva:

MANOEL DE SOUSA DA SYLVA, natural da Villa do Landroal da Provincia do Alentejo, Soldado que militou no Estado do Maranhão, onde morreo. Foy dotado de genio prompto para a Poezia vulgar escrevendo á petição de D. Fradique da Camara Presidente da Academia dos *Generosos*.

¹³ *ASL I = ACADEMIA DOS SINGULARES DE LISBOA* (1665).

¹⁴ BPE Maniz. = Biblioteca Pública de Évora, fundo: Coleção Manizola; BNP = Biblioteca Nacional de Portugal.

Fabula de Atalanta. Dedicada ao mesmo D. Fradique.

Começa

Naõ ha palavras com que justifique, &c.

(*Bibl. Lus.*, III, p. 385).

Logo, julgamos não haver motivos para não indicar Manuel de Sousa da Silva o autor da referida fábula, não ignorando, contudo, o fato de ela ter circulado sem autoria atribuída.

No que diz respeito a didascálias, o BNP 10894 não nos dá qualquer informação, pois o seu copista, econômico, apresenta somente o título e a rubrica genérica do poema: “Fabula / De Hypomenes e Atalanta / Sylva” (p. 627); no BNP 3253, acima do poema só consta a rubrica “Sylva”, e no reto da folha anterior, como se fosse uma folha de rosto, “Fabula / de Hippomanes e Athalanta”. O oposto ocorre no manuscrito da Manizola, em que o poema é apresentado da seguinte maneira: “Fabula de Atlanta, e Hypomanes. / Dedicada a D. Fadrique de Meneses. / Silva.” (BPE Maniz. 395, f. 4). Como acabamos de ver, Diogo Barbosa Machado atesta que o “D. Fadrique”, a quem é dedicado o poema, é na verdade D. Fradique da Câmara, presidente da Academia dos Generosos na ocasião da composição (*Bibl. Lus.*, III, p. 385). Somente essa informação, além do fato de se tratar de uma silva, não seria suficiente para afirmarmos que o poema, de fato, teria sido composto em ocasião de um concurso acadêmico, pois a informação de que foi dedicada a D. Fradique da Câmara não confirma necessariamente o contexto acadêmico; ademais, nesta variante textual, o poema é dedicado a um tal de “D. Fradique de Meneses”, não “da Câmara”. Mas há outros indícios, todos textuais, que corroboram com a hipótese. Alguns deles já são flagrados nos primeiros versos da silva:

Naõ ha palavras com ã justifique,
meu senhor Dom Fadrique,
o como estou cansado ainda agora
de seguir esta Ninfa corredora,
mas do pouco ã alcanço
võs a culpa tivestes
pois dandome este **assumpto** me naõ destes
por ter ã me valha
desse vosso juizo huma migalha,
(BPE Maniz. 395, f. 4)¹⁵.

Isto é, está expresso na própria composição que o tema da fábula foi dado ao poeta como assunto. Em outro momento, desta vez nos últimos versos, há uma referência

¹⁵ A partir desse momento, todos os grifos presentes nas citações são nossos.

à própria academia (id., f. 14): “deixemos o demais p.^a outro dia, / ã já vejo ã diz a Academia / ã corres Atalanta tollamente”.

A referencialidade do presidente ocasional ou permanente do concurso acadêmico, sendo ele destinatário direto ou não, e dos membros presentes, muitas vezes indicados coletivamente por meio do termo “a Academia”, ou ainda uma simples menção de que se trata de assunto acadêmico são constantes nas composições das quais estamos tratando. Tais indicativos ocorrem mormente nos exórdios e nas perorações. Podemos conferi-lo em dois momentos da silva de Sebastião da Fonseca e Paiva a partir do assunto do rapto de Helena:

Va de silva **senhores**,
Porque he justo se prenda
Quem este furto fez, só para emenda,
E para carcereiro
hũa silva he melhor que o limoeiro,
Se bem o **Presidente**
Cassere tem melhor, mais excelente.
[...]
O negocio **senhores**
Vai em cachão fervendo,
E teremos demanda, ao que entendo
Por tempo dilatado;
Logo parece assumpto de letrado,
(*ASL* II, p. 57).

O silva matadora,
Que estás matando gête ha mais de hũ hora,
Acaba impertinente,
Porque hum tão peregrino **Presidente**,
Se a caso se desgosta,
Darà com tudo á costa
(id., p. 62).

Também na peroração de um romance sobre as fábulas de Clície e de Endimião, composto por Antônio Cardoso da Fonseca na ocasião da conferência de 7 de maio de 1724, na Academia Brasilica dos Esquecidos, então presidida por Sebastião da Rocha Pita:

Ao Passado **Presidente**
concluso vai êste escrito,
com a justiça que costuma

julgará dêste litígio
(Castello, 1969, p. 202).

Ou ainda nos primeiros dois versos da silva *Fábula de Niobe* presente no manuscrito ANTT msliv 804 (n.p.): “O douto **Presidente** já passado, / Mandou cantar o cazo dezestrado”.

Contudo, a referência textual explícita da academia ou do presidente não é lugar-comum exclusivo das fábulas mitológicas; não é um identificador de fábulas, mas pode ser um indício (também não categórico) de que uma fábula mitológica tenha sido composta enquanto parte de um certame acadêmico, mesmo que tenha sido transmitida ulteriormente de forma autônoma, como parece ter sido o caso da *Fábula de Atalanta e Hipômenes* atribuível a Manuel de Sousa da Silva. Outro desses indícios está no verso 7 desse poema, como já visto, na referência ao “assunto” (“pois dandome este **assumpto** me naõ destes”). Há o mesmo na silva de Antônio Lopes Cabral sobre a fábula de Atalanta (*ASL* II, p. 193): “pera que neste **assumpto** de Athalanta, / venha a ser esta Silva a Almiranta”; e no romance de Tomás Pinto Brandão “Ao despenho de Faetonte” (BRANDÃO, 1732, p. 406): “Grande exemplo, na verdade, / neste **assumpto** haõ de ver hoje”.

Oralidade Fictícia

Em Portugal, havia uma falta de homogeneidade nas práticas acadêmicas seiscentistas e setecentistas (MATIAS, 1988, p. 8). Todavia, aos menos no que diz respeito aos certames poéticos organizados *ad hoc*, todas as composições apresentadas durante as conferências, como pudemos ver, deveriam partir de um assunto proposto pelo acadêmico presidente da ocasião¹⁶. É a partir desse princípio que foram organizados os concursos das academias dos Singulares, dos Generosos, dos Anônimos, e dos Esquecidos¹⁷. Com isso, podemos quase sempre

¹⁶ O princípio do assunto é comum inclusive em academias hispânicas. No entanto, há alguns casos em que o assunto é proposto a partir de uma outra dinâmica. Diferentemente das academias lusitanas com as quais trabalhamos, em que o assunto é comum a todos os poetas, na *Festiva Academia* (1664), presidida por Juan de Trillo y Figueroa, cada um dos poetas recebia um assunto próprio e intransferível; ao fim de cada poema, cabia ao secretário, D. Francisco Velázquez de Carvajal, irmão do então anfitrião da agremiação, julgar cada composição apresentada por meio de uma redondilha satírica, à qual era respondida com um discurso em prosa pelo próprio poeta satirizado, que então aproveitava o ensejo e apresentava o próximo poeta e o seu assunto. Ocorrem procedimentos semelhantes em outras academias hispânicas, embora com dinâmicas menos complexas.

¹⁷ João Palma-Ferreira identifica uma diferença entre o caráter dos assuntos recorrentes propostos na Academia dos Generosos, os quais tendem mais ao ocasional e ao panegírico, em contraposição aos da Academia dos Singulares, explicando talvez a ausência de assuntos fabulares e, conseqüentemente, de fábulas mitológicas na dos Generosos (Palma-Ferreira, 1982, p. 32): “Quanto aos assuntos tratados nas sessões dos *Generosos*, cujo presidente perpétuo era então o príncipe de Ligne, nota-se, em relação

delimitar as circunstâncias de composição de cada poema quando tais informações se fazem presentes tanto textualmente como paratextualmente, como fizemos na seção anterior, com a evidenciação de vocábulos como “assunto”, “presidente”, “academia” etc. Portanto, tais elementos poderiam ser tomados como índices de oralidade, porque revelam não só a ocasião, como também o público para o qual o poema foi composto. Empregamos aqui a definição dada, evidentemente, por Paul Zumthor (1987, p. 37): “Par «indice d’oralité», j’entends tout ce qui, à l’intérieur d’un texte, nous renseigne sur l’intervention de la voix humaine dans sa publication”¹⁸. A oralidade não compreende somente aqueles textos que foram compostos oralmente, como também aqueles que foram produzidos mediante a escrita e vocalizados em sua transmissão. A identificação dos índices de oralidade é um dos métodos centrais que Zumthor empregou para o estudo da poética medieval; por outro lado, tal procedimento pode também ser empregado em objetos poéticos de outras temporalidades, como o fizeram João Adolfo Hansen e Marcello Moreira para o estudo da poesia seiscentista (cf. Hansen, 2004, p. 64; Moreira, 2011, p. 109).

Por outro lado, nem sempre podemos confiar naquilo que o texto informa, e o índices de oralidade não indicam necessariamente a ocasião factual para a qual o poema foi composto e na qual ele foi recitado. Zumthor já considerava esse problema (1987, p. 42), cuja solução por ele proposta foi a concepção apriorística de “*présomption d’oralité*”¹⁹ (id., p. 46). Roger Chartier fala em “cena ficcional de enunciação” (2017, p. 25). Por exemplo, o poema em oitavas *Fábula de Polifemo, e Galateia*, impresso sem atribuição de autoria em 1763, mesmo que em sua folha de rosto esteja indicado “que se propoz por assumpto / na academia dos velhos”, não apresenta indícios textuais de que de fato tenha sido composto ou, ao menos, recitado em ocasião acadêmica além do que está indicado na folha de rosto do pequeno volume. Não há nenhuma referencialidade ao seu público, pudesse ele ser formado pelos acadêmicos ali presentes, nem ao presidente propositor do concurso. Além disso, apesar de ser mais distante temporalmente dos poemas de que aqui tratamos e de, por isso, não obrigatoriamente preservar consigo os mesmos lugares-comuns das academias de outrora, a extensão do poema faz com que seja pouco provável que tenha tido espaço em um salão acadêmico. Não por ser um poema em oitavas, já que há alguns (mesmo que poucos) exemplos desse gênero estrófico em certames, como a *Fábula de Pirene* de João Barbosa de Faria (Castello, 1971, pp.

aos que foram propostos aos *Singulares*, maiores formalismos, etiqueta e palacianismo [...], notando-se muito menor número de sátiras do que era habitual entre os *Singulares*, estes mais vivamente ligados a temas de fundo popular e costumbrista”.

¹⁸ “Por ‘índice de oralidade’ entendo tudo aquilo que, no interior de um texto, nos informa a respeito da intervenção da voz humana em sua publicação” (tradução nossa).

¹⁹ “Presunção de oralidade” (tradução nossa).

130-134), e o “Certamem amoroso, em que se dá a decisão do problema proposto” [“quem mostrou amar mais finamente Clície ao Sol, ou Endimião à Lua”] de Antônio Nunes de Siqueira (Castello, 1969, pp. 227-232); mas, no geral, tais poemas, quando há, não são de larga extensão, sendo o de João Barbosa de Faria de 18 oitavas, e o de Nunes de Siqueira não ultrapassando as 22; já a presente *Fábula de Polifemo, e Galateia* possui 83 estrofes, o que demandaria um fôlego maior dos membros da tal Academia dos Velhos e subtrairia tempo de outros recitações²⁰. E a extensão do poema é uma questão que pode ser identificada em um outro lugar-comum recorrente nos certames, sobretudo em poemas jocosos ou joco-sérios, que são as escusas do poeta, na peroração, pela espessura de sua composição; está no modo como finaliza seu “romance insensato” sobre a transformação de Pirene João Álvares Soares, da Academia Brasileira dos Esquecidos:

Quanto mais que quinze coplas
já estão feitas quando menos,
e não é para aguardar
um romance ruim, e extenso
(Castello, 1971, p. 150).

Ou ainda, de maneira muito semelhante, João de Brito e Lima sobre Ífis e Anaxarete:

Se passei das vinte coplas,
o caso assim o pedia
se não contenta por isto,
desse por não recebida.
(id., p. 74).

O mesmo ocorre em silvas, como na de Antônio Lopes Cabral a respeito do rapto de Helena, na Academia dos Singulares de Lisboa, de 172 versos (*ASL* II, p. 56): “*Silva no màs, detente, / Que has sido por extensa impertinente*”; e na de Sebastião da Fonseca e Paiva, de mesmo assunto, composta por 206 versos (id., 62): “*O silva matadora, / Que estás matando gête ha mais de hũ hora, / Acabada impertinente*”.

²⁰ Roger Chartier, utilizando como referência trabalhos de William Nelson, oferece-nos diversos exemplos de adaptações de obras a fim de conformá-las de acordo com a recitação pública, como a redução da extensão da obra, a incisão de parcelamentos (CHARTIER, 2017, p. 29): “Capítulos breves, cada um compondo uma unidade textual, podem ser considerados como unidades de leitura, formando um todo por si só. Foi assim que William Nelson demonstrou de que maneira a reescritura de certas obras (o *Amadigi* de Bernardo Tasso, ou a *Arcadia* de Sidney) pode ser vista como o ajuste da obra às necessidades de leitura em voz alta numa época em que esta prática era uma das principais formas de sociabilidade entre letras.”

É improvável, embora não impossível, que a *Fábula de Polifemo, e Galateia* que teria sido composta para a presumida Academia dos Velhos tenha tido lugar, de fato, em um certame acadêmico, justamente pela extensão do poema. O mesmo poderia ser dito sobre a *Fábula de Baco*, cuja didascália marginal indica que teria sido composta para a Academia de Belém (estando na Pena), por ser uma silva de 581 versos, mesmo que na sua peroração o poeta lance mão do lugar-comum que ridiculariza a própria extensão do poema:

Eu bem sei ã escrevi trova molesta
Moralizar a fabula me resta;
Mas agora hé já tarde,
Para outra ocaziaõ hé bê ã o guarde.
(ANTT msliv 804, n.p.).

Para gerar o efeito jocoso no poema, o autor da *Fábula de Baco* faz uso de um lugar-comum presente também na *Fábula de Atalanta e Hipômenes* de Manuel de Sousa da Silva. Em ambos os casos, os poetas não se escusam pela extensão dos poemas para o seu público, mas admitem que não houve tempo para finalizar a composição. Na de Atalanta, a narração é interrompida, e na de Baco falta-lhe a moralização do poema. Retornaremos ao expediente jocosos mas, enquanto uma fábula foi muito provavelmente lida em um certame acadêmico, a outra (imaginamos que) não, mesmo que faça uso de expedientes retóricos que são próprios à circunstância acadêmica, proporcionando, assim, a emulação.

Com isso, tanto a silva *Fábula de Baco* do manuscrito da Torre do Tombo, como a *Fábula de Polifemo, e Galateia* impressa em 1768, são casos de emulação jocosa, já que reproduzem alguns lugares-comuns dos poemas compostos dentro da sociabilidade acadêmica, evidenciando, em modo de contrafação, a prática factual de se comporem e de se apresentarem fábulas mitológicas para tais ocasiões. Além dessas emulações (ou dissimulações), há aqueles casos em que as conferências acadêmicas são evidentemente emuladas, sobretudo em obras burlescas em prosa. Um deles é o que foi publicado nas *Obras* (1656) do comediógrafo espanhol Francisco Bernardo de Quirós. No Capítulo X (1656, f. 96), a narração conta que, um dia, alguns cavalheiros de Sevilla foram a Madrid; os membros da Academia dessa cidade (não especifica o seu nome) sentiram-se no dever de hospedar os sevilhanos e, por isso, organizaram o serão para os hóspedes: definiram-se o presidente e o secretário, e determinaram-se os assuntos e o dia da conferência. Quando chegou a hora, o presidente dormia. Ao acordar de supetão pelos instrumentos musicais, começou a narrar o sonho que acabara de ter: sonhara que estava no Parnaso, onde via Apolo e Mercúrio. A narração do sonho é interrompida pelo próprio Apolo, que desce à academia acompanhado da Fama, que soava o seu clarim sobre um elefante, e de “*varones tan grandes*”, como Gracilaso de la Vega, Lope de Vega, Góngora,

Paravicino, Francisco de Quevedo, Tirso de Molina e muitos outros; as damas que chegavam em carruagens eram, na verdade, as Musas. A partir desse momento, dá-se lugar à academia presidida por Apolo (id., f. 98): “*Dio fin a la oración con mucho aplauso, tocó la campanilla, y empezaron a leer versos heroicos*”, versos os quais Quirós nos deixa só imaginar; em seguida, “*todos dijeron al Poeta [Apolo] que leyese la glosa que avían mandado escribir*”, glosa que, agora sim, lemos em quintilhas; prossegue-se o serão com o segundo assunto, que é o de descrever uma festa de touros com um poema em quintilhas; e o terceiro e último, a fábula de Polifemo e Galateia, um romance. Obviamente, a narração não corresponde à relação de uma conferência factual e sim fictícia, mas a descrição dos procedimentos acadêmicos é espelho dos reais, nos quais constavam fábulas mitológicas, como a de Polifemo e Galateia lida por Apolo diante dos aplausos dos acadêmicos de Madrid e dos cavalheiros de Sevilla.

Tal fato, por algum motivo, escapou à atenção de Cossío, que não se deu conta de que se tratava de uma narração, e leu a fábula de Quirós como um poema factualmente acadêmico (Cossío, 1952, p. 755): “*Como escrito para una Academia, y, sin duda, como tema obligado de ella, publicó el poeta asturiano don Francisco Bernaldo de Quirós, entre sus obras, un romance de la Fábula de Polifemo*”. Outros autores da segunda metade do século XVII, bem como dos primeiros anos do XVIII, empregaram o mesmo artifício de Quirós, espécie de “metadiegesis” onírica. Frei Lucas de Santa Catarina, por exemplo, inclui uma fábula jocosa de Hero e Leandro no *Serão Político* como se tivesse sido ditada pela musa Erato à personagem de Roberto, enquanto ele sonhava que presidia uma conferência acadêmica. À parte o desculpável lapso, em seguida Cossío emite um parecer a respeito do tamanho do poema, e que corrobora, de certo modo, o nosso argumento (id., ibidem): “*Por su extensión (sesenta y seis cuartetas de romance en u-o) y por su pretensión literaria excede acaso la importancia que suelen tener estos juquetes de sociedad*”; o filólogo percebe, portanto, assim como nós, a anomalia da extensão do poema. Ora, reconsiderando que o poema não teve lugar de fato em um concurso acadêmico, não há de se estranhar a sua extensão, assim como, mais uma vez, a *Fábula de Baco* da Torre do Tombo, e a *Fábula de Polifemo e Galateia* da Academia dos Velhos.

A fábula mitológica não é um gênero cujos tempo e espaço se dão privilegiadamente em conferências acadêmicas. Mas os pressupostos que orientavam os acadêmicos na produção de seus poemas em certames (dos quais o mais fundamental vinha a ser a proposição de um assunto) propiciavam um ambiente associativo para a composição de fábulas mitológicas²¹. E, uma vez compostas para tais ocasiões, é

²¹ Mesmo assim, o mero assunto fabular não garantia a composição de fábulas mitológicas. Por exemplo, no que consta nos *Progressos Acadêmicos dos Anônimos* (1718), o assunto “Alfeu e Aretusa” rendeu somente um epigrama latino, de Jerónimo Godinho de Nisa, e dois sonetos em português, um de Antônio Sanches de Noronha, e o outro de um anônimo (pp. 172-173).

natural que apresentem regras de decoro próprias e lugares-comuns recorrentes que as diferenciem de fábulas mitológicas produzidas para outros fins e em contextos diversos, e que as identifiquem inclusive na própria contrafação.

ZUCCARO, L. *Fabulae in certamine: The Academies and the Places of the Mythological Fable*. **Itinerários**, Araraquara, n. 59, v. 1, p. 17-33, jul./dez. 2024.

- **ABSTRACT:** *Mythological fables, epitomized by Luis de Góngora's Fábula de Polifemo y Galatea, were omnipresent in Spanish literary life, especially during the 17th century, and even became the subject of major controversies during that period. In contrast, those produced in Portugal have been relegated over the centuries to a lesser status compared to their Spanish counterparts, primarily due to the lack of recognition by literary historiography. This neglect is largely due to the scarcity of printed examples, most of which are only found in the 18th-century anthology Fênix Renascida. Our paper aims to bring to light, through textual and bibliographical evidence, a rich production of mythological fables in poetic contests held in Portuguese academies, particularly during the latter half of the 17th century, thereby highlighting the context and circumstances in which these poems were composed.*
- **KEYWORDS:** *Mythological Fables. Portuguese Academies. 17th-Century Poetry. Manuscript Books. Oral Tradition.*

REFERÊNCIAS

ACADEMIA DOS SINGULARES DE LISBOA. DIVIDIDA Em dezoito concursos, em que se inclui hum Certamen Academico. DEDICADA A DOM IOSEPH LVIS DE LANCASTRO conde de Figueiró. TOMO SEGUNDO. Lisboa: Na Impressão de Antonio Craesbeeck de Mello, M.DC.LXVIII [1668].

BRANDÃO, Tomás Pinto. **PINTORENASCIDO EMPENNADO, E DESEMPENNADO: PRIMEIRO VOO.** Dirigido ao Excellentissimo Senhor DOM LUIZ JOZE LEONARDO DE CASTRO NORONHA ATAIDE E SOUSA, Undecimo Conde de Monsanto, COMPOSTO POR THOMAZ PINTO BRANDAM. Lisboa Occidental: Na Officina da Musica, M.DCC.XXXII [1732].

CASTELLO, José Aderaldo de. **O Movimento Academicista no Brasil – 1641-1820/22.** Vol. I Tomo 1. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1969.

CASTELLO, José Aderaldo de. **O Movimento Academicista no Brasil – 1641-1820/22.** Vol. I Tomo 4. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1971.

CHARTIER, Roger. **Do palco à página**: Publicar teatro e ler romances na Época Moderna. Séculos XVI-XVIII. Trad. Bruno Feitler. São Carlos: EdUFSCAR, 2017.

COSSÍO, José María de. **Fábulas Mitológicas en España**. Madrid: Espasa-Calpe, S. A., 1952.

COSTA E SILVA, José Maria da. Ensaio biographico-critico sobre os melhores poetas portugueses. Por José Maria da Costa e Silva, Socio Correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Socio Honorario da Academia Lisbonense das Sciencias, e das Letras, Socio Correspondente do Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro, e da Academia Archeologica de Madrid. TOMO VIII. DADO À LUZ pelo Editor João Pedro da Costa. Lisboa: Na Imprensa Silviana, 1854.

FABULA DE POLIFEMO, E GALATEA, que se propoz por assumpto Na Academia dos Velhos. Lisboa: Na Offic. de Joaõ Antonio da Costa, MDCCLXIII [1763].

HANSEN, João Adolfo. **A Sátira e o Engenho**. Gregório de Matos e a Bahia do século XVII. Cotia: Ateliê Editorial; Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

MACHADO, Diogo Barbosa. **BIBLIOTHECA LUSITANA**, Historica, Critica, e Chronologica, NA QUAL SE COMPREHENDE A NOTICIA dos Authores Portuguezes, e das Obras, que compozeraõ desde o tempo da promulgação da Le da Graça até o tempo presente; POR DIOGO BARBOSA MACHADO, Ullyssiponense, Abbade Reservatorio da Paroquial Igreja de Santo Andriaõ de Sever, e Academico do Numero da Academia Real. 4 tomos. Lisboa: Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, M. DCC. LIX [1759].

MATIAS, Elze Maria Enny Vonk. **As Academias Literárias Portuguesas dos Séculos XVII e XVIII**. Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa para obtenção de grau de Doutor. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1988.

MOREIRA, Marcello. **Crítica Textualis in Caelum Revocata?**: Uma proposta de edição e estudo da tradição de Gregório de Matos e Guerra. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

PALMA-FERREIRA, João. **Academias Literárias dos Séculos XVII e XVIII**. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1982.

PONTES, Maria de Lourdes Belchior. **Frei António das Chagas**: Um Homem e um Estilo do Séc. XVII. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1953.

PROGRESSOS ACADEMICOS DOS ANONYMOS DE LISBOA. Primeyra Parte. Offerecidos ao Senhor ANTONIO GALVAÕ & CASTELLO-BRANCO. Lisboa Occidental, na Officina de Joseph Lopes Ferreyra, M.DCC.XVIII [1718].

QUIRÓS, Francisco Bernardo de. **OBRAS DE DON FRANCISCO BERNARDO DE QUIRÓS**. ALGVAZIL PROPIETARIO DE LA CASA, Y CORTE DE SV MAGESTAD. Y AVENTVRAS DE DON FRVELA. Madrid: Por Melchor Sánchez, 1656.

SILVA, Vítor Manuel Pires de Aguiar e. **Maneirismo e Barroco na Poesia Lírica Portuguesa**. Coimbra: Oficinas da Atlântida Editora, 1971.

YATES, Frances A. Las Academias Italianas. **Renacimiento y Reforma**: La Contribución Italiana. Ensayos reunidos II. D.F. (México): Fondo de Cultura Económica, 1983, pp. 23-61.

ZUMTHOR, Paul. **La lettre et la voix**. De la “littérature” médiévale. Paris: Éditions du Seuil, 1987.

